

Fundador e promotor do Grupo Reflexão para a Autonomia, Revista Détourné, e Grupo Ação de Democracia Inclusiva da Catalunha.

A história da humanidade, ao menos nos últimos 5000 anos, tem gerado e reproduzido diversas dinâmicas psíquicas e instituições sociais que acarretaram processos de destruição, negação e degradação da vida. O sexismo é um caso importante. Podemos defini-lo como a tendência ideológica, psicológica e institucional para a discriminação, a subjugação, o enfrentamento, o desprezo ou a dominação levado a cabo por razões de sexo; isto é, por ter nascido homem ou mulher.

Esse flagelo milenar continua até os nossos dias em diversas áreas e lugares, causando danos a muitos homens, mulheres, crianças, adultos, famílias e povos inteiros. A visão segundo a qual o homem tem tomado o papel de carrasco e a mulher tem sido geralmente a vítima do sexismo, é um tópico que, como tantos outros, resulta em uma meia verdade, em boa medida enganosa, desorientadora e problemática. Tanto os homens como as mulheres têm participado historicamente da reprodução e perpetuação do sexismo, assim como nos esforços para sua supressão e superação, tal como se pode perceber através da observação de diversas evidências históricas. E, como veremos adiante, tanto os homens como as mulheres têm sofrido com o sexismo através de seus múltiplos danos.

¹ Tradução de Gabriel Teles Viana.

Revista Posição

Aproveitando a ocasião do Dia da Mulher, gostaria de suscitar a questão de que o feminismo, como conceito, palavras e tendência, constitui a melhor solução para superar o problema do sexismo. É sabido que existem várias correntes que empregam o termo “feminismo” para se autodefinir e que, entre elas, há diferenças discursivas, ideológicas e estratégicas importantes. No entanto, não é menos certo que existem algumas características em comum na imensa maioria das tendências que se autoproclamam feministas; e a mais evidente característica, naturalmente, é o uso da própria palavra. Por isso, é necessária inicialmente a questão: o que significa e implica a palavra “feminismo”?

Assim como o movimento ecológico consiste em colocar o foco da atenção nos ecossistemas, o humanismo na condição humana, o anarquismo na abolição da dominação e o socialismo na socialização dos meios de produção, a palavra feminismo refere-se a tendência de colocar o sexo feminino no centro de atenção, para articular o pensamento e a ação em sua defesa e promoção. O sexo feminino, argumenta-se, é e tem sido notoriamente o mais prejudicado e oprimido pelo sexismo. Que não é o caso do sexo masculino e, portanto, aquele (o sexo feminino) é necessariamente o principal protagonista e beneficiário da luta contra o sexismo. Em minha opinião, a primeira destas proposições é matizada e a segunda é questionável. Mas, mesmo se as aceitarmos ou questionarmos, convém que façamos a seguinte pergunta: colocar um sexo no foco da atenção, com foco em sua defesa e promoção, é realmente a melhor via para superar o sexismo? Claro, não devemos ignorar as realidades históricas. Porém, para atuar no presente e para superar as misérias do passado, deve-se manter certo ressentimento histórico?

Para responder a estas difíceis questões, podemos olhar para alguns resultados atuais do feminismo dominante. Hoje é o dia da Mulher, uma data que, em si mesma, podemos considerar muito positiva. No entanto, esta celebração está sendo fortemente promovida por instituições do sistema estabelecido enquanto que, em troca, o Dia do

Revista Posição

Homem (19 de novembro) quase ninguém conhece e se celebra. A masculinidade não merece ser reconhecida e celebrada tanto quanto a feminilidade? Acaso devemos gerar um movimento masculinista para este fim? Por outro lado, por obra do feminismo dominante, na Espanha, muitas pessoas estão sofrendo as nefastas consequências de uma legislação (a Lei Geral de Violência de Gênero) que se implementou no ano de 2004, apresentando-se como “progressista” mas que, na realidade, entre outros despropósitos, infringe descaradamente os postulados mais elementares e requerimentos mais importantes da jurisprudência (como a presunção da inocência e da igualdade das pessoas ante a lei) instaurando uma legislação discriminatória, ameaçante e agressiva com o sexo masculino. Além disso, está se colocando muito mais atenção pública na violência que recebem as mulheres no contexto das relações afetivo-sexuais, mas que não são análogas às sofridas pelos homens e crianças no ambiente familiar e as pessoas no local de trabalho. Finalmente, assistimos também a uma crescente tendência para o preconceito e ao reducionismo em virtude das quais se interpretam como se fossem meramente “questões de gênero” vários fenômenos (como a desconfiança, os ciúmes, o maltrato, etc. nas relações afetivo-sexuais) que são causadas por uma multiplicidade de fatores diversos e que, em muitas ocasiões, o sexismo pode ou não estar presente; ou não é o fator mais profundo e determinante.

Está claro que certas abordagens e tendências chamadas de feministas fizeram contribuições positivas nos últimos séculos. No entanto, se queremos lutar eficazmente contra o sexismo, teremos que começar a ser capazes de questionar e renovar, tentando ser conscientes dos erros, falhas, enganos e confusões que nos impedem e nos desviam do caminho para nossas metas. Em minha opinião, isto implica necessariamente fazer uma crítica ao feminismo, uma crítica no sentido mais positivo e genuíno do termo, a saber: discernir e distinguir, com boa vontade, o válido e o correto do errado e enganoso. Para que esta crítica seja completa e contextualizada, deve ser emoldurada em uma crítica mais geral e fundamental da civilização hoje dominante e deve ser acompanhada igualmente de uma crítica análoga a outras abordagens que, como o

Revista Posição

feminismo, destina-se a melhorar a situação; mas muitas vezes incorrem em equívocos importantes que levam a resultados insatisfatórios ou contraproducentes. Devemos captar e reconhecer o melhor que podemos encontrar no anarquismo, socialismo, decrecentismo, humanismo, ecologismo... E, naturalmente, no feminismo; mas também devemos ser capazes de superar todas estas abordagens para alcançar um enfoque mais integral e integrador, mais potente e depurado, para assim situarmos as melhores condições para levar a cabo as revoluções integrais verdadeiramente positivas que tanto necessitamos durante o século XXI.

Nesse sentido, parece-me que uma parte importante da solução de neutralizar o sexismo consiste em apostar na palavra, conceito e tendência antissexista que, formulada em positivo, podemos chamar de cooperação entre os sexos ou igualitarismo sexual. Hoje em dia há um bom número de pessoas que, por razões similares às que estou expondo, estão a favor da cooperação entre os sexos e contra o feminismo (recordemos que definimos feminismo como “a tendência que coloca a defesa e a promoção do sexo feminino como o centro da atenção”). Também há um bom número de pessoas que atualmente utilizam a palavra “feminismo” para se auto definir ou mostram certa simpatia por ela mas, no entanto, no fundo, estão tratando de sustentar uma abordagem e uma atuação antissexistas. São pessoas que querem uma verdadeira igualdade de respeito entre homens e mulheres e, portanto, advogam por abolir todo tipo de discriminação, enfrentamento ou dominação por razões de sexo, mas não creem que seja oportuno focalizar a atenção na defesa ou promoção de um só sexo, mas sim na igualdade (sem confundir com a homogeneidade...) entre as pessoas em geral e entre os sexos em particular. Em minha opinião, os companheiros e companheiras antissexistas que aderem a palavra feminismo, geralmente o fazem como resultado de adoptar a tendência discursiva tradicional e hegemônico nesses assuntos, sem ter parado e analisado detalhadamente e questionar profundamente. No entanto, se analisarmos detalhadamente e questionar profundamente, podemos dar conta de que o uso da palavra “feminismo” está sendo um desserviço para o avanço de abordagens e ações

antissexistas. “Feminismo” é uma palavra insuficientemente adequada e fortemente equivocada para significar que queremos superar qualquer forma de sexismo: a palavra acarreta a ideia de promover e defender apenas as mulheres e não implica necessariamente uma posição a todo tipo de sexismo, como é o caso da palavra “antissexismo”.

Convém manifestar, nesse sentido, que os homens não foram só carrascos, mas também vítimas do sexismo ao longo da história. Não só pelo fato da chamada “guerra de sexos” ser prejudicial a todos. Não só pela razão segundo a qual adotar posições de dominação resulta embrutecedor, e que os homens têm sido historicamente obrigados, por força da lei estatal, a exercer a dominação sobre as mulheres (veja, por exemplo, o Código Civil Espanhol). O homem também tem sido vítima do sexismo, pelo fato de ser forçado pelo Estado a participar das guerras e serviços militares. Ou seja, em conflagrações aberrantes, injustas e sanguinárias, uma das experiências mais traumáticas, alienantes, degradantes e penosas pelas quais um ser humano pode passar e que o sexo feminino tem desfrutado, geralmente, o privilégio de evitar. Infelizmente, estes atos históricos de grande importância qualitativa e quantitativa (dezenas de milhões de homens mortos, mutilados ou gravemente traumatizados somente nas guerras do século XX) são geralmente esquecidos pelos movimentos feministas. E não é de estranhar, já que a própria natureza do feminismo enquanto conceito e como tendência, por definição, induz a olhar apenas para a defesa e promoção da mulher, esquecendo facilmente que o homem também tem sido e é uma vítima do sexismo de várias maneiras e que a mulher também participou e participa na perpetuação deste flagelo.

Felizmente, cada vez mais pessoas estão dando conta de alguns dos elementos negativos inerentes ao feminismo dominante e estão se opondo a boa parte de suas teses ideológicas e medidas políticas. É o caso, por exemplo, do site “Mujeres contra el feminismo”, uma iniciativa que dá visibilidade a mulheres de diversas tendências

Revista Posição

ideológicas e de diversos lugares do mundo que querem manifestar publicamente seu desacordo com o feminismo como se entende e se desenvolve geralmente na atualidade. São mulheres antissexistas, mas não feministas. Esta era também a posição de uma destacada líder da revolução espanhola de 1936, Federica Montseny: “Propagar um feminismo é fomentar um masculinismo, é criar uma luta imoral e absurdo entre os sexos que nenhuma lei natural tolerará”.

Estas discussões terminológicas, discursivas e ideológicas devem ser abordadas com todo o sossego e parcimônia que podemos, com a máxima de abertura de mente e de coração, com a mínima vontade de beligerância e provocação. Só assim poderemos encontrar as melhores maneiras de trabalhar juntos com todas as pessoas que querem verdadeiramente superar o sexismo, ou, ao menos, os modos de compreendermos mutualmente e respeitarmos.

Graças a cooperação histórica entre homens e mulheres e graças ao encontro sexual entre eles, existimos eu e você, querida/o leitor/a; e a vida humana em geral. É bom recordar e refletir sobre a importância da obriedade. Celebrarmos, pois, especialmente no dia da Mulher, a vertente feminina da sexualidade humana! Mas não esquecemos que mulheres e homens estão chamados a complementar-se mutualmente, a se amar e respeitarem-se. Assimilemos tanto como possamos o fato de que todos os seres humanos formam parte da Vida, que todos somos Vida, e que a Vida floresce graças ao amor, a cooperação, a comunicação, a autonomia e a verdade. É conveniente que prestemos a máxima atenção ao observar estes princípios cardinais em todas as relações sociais, incluindo, naturalmente, as relações entre os sexos.

O problema do sexismo não está isolado do conjunto dos problemas contemporâneos; está estreitamente imbricado com a tendência geral da civilização atual, a saber: a dinâmica da negação, degradação e da destruição da vida. O fim do sexismo só é possível através do fim da Civilização Antivida, só é possível através da superação do sexismo em todas as suas formas, o que requer o surgimento e a

Revista Posição

generalização de uma cultura de entendimento, de compreensão, respeito, gratidão, solidariedade e empatia entre todas as pessoas e, particularmente, entre os sexos.